

Keila Knobel. *aroeira*. Campinas, SP: Ed. da Autora, 2022. 56 p.

Hannah Arendt, em seu livro *A Condição Humana* (1958), fala, dentre muitos outros aspectos, sobre uma condição essencial de todos nós, seres humanos: a pluralidade. Nas palavras da autora, “[...] a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade de seres singulares” (ARENDT, 2007, p. 189). Com essa e outras afirmações ao longo da obra, Arendt destaca o fato de, por um lado, sermos todos semelhantes – ou seja, seres da mesma espécie, com uma constituição, uma linguagem e muitas outras características comuns, as quais fazem com que sejamos capazes de entender uns aos outros –, mas, por outro lado, termos muitas diferenças ou particularidades, as quais fazem com que cada indivíduo seja único ou, nas palavras da autora, singular. Essa mesma relação explorada por Arendt, entre a singularidade e a pluralidade, faz-se muito presente ao analisarmos a autora Keila Knobel e seu livro *aroeira* (2022).

Keila Knobel, nascida em Campinas, SP em 1973 – cidade onde ainda reside –, tem um currículo bem recheado e variado. Inicialmente, graduou-se em Fonoaudiologia na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas (1994), dando seguimento a essa formação com uma especialização em Audiologia (2001), um mestrado em Fisiopatologia Experimental na Universidade de São Paulo (USP, 2003), um doutorado em Otorrinolaringologia também na USP (2007) e um pós-doutorado em Fonoaudiologia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2013) e na University of Northern Colorado (UNC, 2012). Além de toda essa trajetória na área da Saúde, Keila também é Especialista em Livro para a Infância (A Casa Tombada/FACON, 2018) e em Jornalismo Científico (Labjor/UNICAMP, 2014). Atualmente, ela se identifica como escritora, ilustradora, pesquisadora e artista independente e possui um ateliê em Campinas, chamado estalos: arte & publicações¹.

¹ Você pode visitar o site do ateliê através deste endereço eletrônico: <https://www.estalos.art.br/>.

A autora confessa, no site do seu ateliê, que, após fazer sua carreira como fonoaudióloga, decidiu investir em um sonho antigo ou, em suas palavras, uma porta “esquecida na infância” (KNOBEL, 2019). Foi então que passou a estudar com artistas e escritores e a explorar diferentes formas de expressão artística. Uma dessas explorações se deu no curso “Experimentações Botânicas para Criar um Livro de Artista”, do Liquen Projeto. Sua proposta era uma criação artística a partir da tentativa de enraizar uma estaca de planta, registrando sua evolução em um caderno. Foi daí que surgiu a obra *aroeira*.

Na campanha do Catarse iniciada por Keila a fim de captar fundos para a publicação de seu livro, a autora fala sobre seu processo de criação e sobre a obra que pretendia publicar. Em suas palavras,

Deixamos algumas hastes de plantas na água, observamos e registramos a formação de raízes com textos, desenhos e fotos. O que acontece quando as observamos?

Pois este livro surge exatamente do registro de uma estaca de aroeira que não enraizou, mesmo que eu tenha seguido à risca todas as orientações. Troquei a água nos dias certos, coloquei no sol, tirei do sol, abri a janela e coloquei o vaporizador para ela. Registre a queda de suas folhas e busquei sinais de suas raízes ainda sem saber o que aconteceria. Quando admiti para mim mesma que a aroeira tinha morrido, tive uma catarse. Me dei conta de que com a aroeira eu revivi de uma forma metafórica e intencional as últimas semanas de vida do meu pai, em 2020 (KNOBEL, *Catarse*. 2022).

Em sua experimentação, portanto, Keila lida com a perda e reprocessa um luto, ao mesmo tempo em que dá luz a uma obra singular e plural, assim como ela própria. Seu livro, *aroeira*, poderia ser categorizado como pertencente a diversos gêneros, a saber: livro ilustrado (destacando-se que todas as fotos e ilustrações foram feitas por Keila, assim como o design gráfico da obra), poesia, receita, depoimento, livro de artista. Ao falar sobre sua criação, a autora afirma que “ele tece, com palavras imagens, o caminho do intangível, do incontável. É também o registro da minha busca de todas as formas de representação e de extração da essência da aroeira, agora já compreendida como alter ego do meu pai” (KNOBEL, 2022b).

Chegando, finalmente, às impressões de leitura suscitadas pela obra em análise, preciso destacar, em primeiro lugar, o primor da materialidade e do aspecto visual do livro. Impresso em tamanho 15 x 21 cm, com capa dura, *aroeira* tem um design clean, que aposta em fundos brancos e dá destaque às imagens da planta e às ilustrações inspiradas por ela, tornando-se agradável aos olhos e convidando-nos à leitura. Ainda outro ponto que chamou minha atenção já na capa do livro foi o fato de tanto o título

da obra quanto o nome e o sobrenome da autora serem escritos sem o uso de iniciais maiúsculas. Analisando mais a fundo, percebi que esse mesmo procedimento de usar apenas letras minúsculas se mantém até a página 47, depois da qual há uma página em branco e, na seguinte, há uma mudança de tom no livro. A partir dessa mudança, e de outras que ainda serão comentadas, eu dividiria *aroeira* em três momentos principais. Mas, é claro que, em uma obra plural, como venho tentando demonstrar, somente três momentos não seriam o suficiente. E o livro não nos frustra nesse ponto, pois traz ainda outras camadas em sua constituição, todas muito bem pensadas.

Ao abrir a capa do livro, que exibe um pequeno galho de aroeira com algumas folhas já em processo de ressecamento, damos de cara, na guarda dianteira, com uma exsicata² da mesma planta (bem maior do que o galho anterior), contendo não apenas galhos e folhas, mas também os pequenos frutos avermelhados e flores brancas que nascem nessa planta³. Já na folha de guarda dianteira, há uma ficha de campo reduzida que traz informações sobre a planta em questão e sua coleta. As informações incluem: classe, família, nome científico, nome comum, origem do nome, área de distribuição natural, local de coleta, etnobotânica, data de coleta, coletora(es), formação vegetal e observações. Nessa ficha, as informações mais interessantes para mim foram a origem do nome, a saber “abreviação de araroeira, união de arara e eira. Significa árvore onde a arara pousa e nidifica” (KNOBEL, 2022, p. 0), e o fato de ser uma planta natural da América do Sul e nativa do Brasil. E como se tal ficha já não fosse interessante por si, ela adquire um outro significado ao percebermos que, na folha de guarda traseira, o mesmo documento foi preenchido com informações referentes ao pai de Keila, chamado Geraldo Antonio. Assim, as fichas presentes nas folhas de guarda mimetizam a conexão estabelecida pela autora entre a aroeira e seu pai, na qual a primeira seria um alter ego do segundo, ao tornar ambos objetos do mesmo tipo de classificação.

A seguir, e mantendo a questão do espelhamento, em que algo que se faz presente no início da obra também aparece em seu final, acho válido ressaltar que o texto de Keila é precedido e sucedido por citações que falam sobre a morte. A primeira

² De acordo com Bonnet et al. (2021, p. 1), “exsicatas são partes de plantas desidratadas (secas), formadas por elementos característicos e necessários para a classificação das espécies, tais como galhos, folhas [...], flores [...] e frutos [...]”.

³ A mesma exsicata ilustra a guarda traseira do livro.

é de Adélia Prado, a última, de Rosa Monteiro. Juntamente à primeira citação, a autora inclui a dedicatória de sua obra: “ao meu pai, em memória” (p. 3).

Chegando no primeiro momento central de *aroeira*, que compõe a maior parte do livro, acompanhamos uma sequência de fotos, de diferentes ângulos e com diferentes focos, da planta, na qual vemos suas folhas perderem a cor verde viva, secarem e caírem, dando cada vez mais espaço às ilustrações e manipulações de suas propriedades. Em meio às imagens vegetais, somos surpreendidos, na página 14, por tomografias computadorizadas de crânio. Confesso que, em minha primeira leitura, não entendi o que aquela imagem estava fazendo ali, assim como não tinha entendido que todas as palavras e frases que acompanham as fotos e ilustrações falam sobre o pai de Keila, sobre sua perda e sobre como ele deixou marcas nela que continuarão ali para sempre.

Na página 20, há uma arte bastante criativa, nas cores azul e cinza, que brinca com a palavra irreversível, dividindo sua escrita entre a maneira normal com que a escrevemos, da esquerda para a direita, e uma escrita espelhada ou do avesso. Para além da engenhosidade artístico-linguística de inverter a palavra que fala sobre aquilo que não pode ser revertido, percebo, agora, a importância dessa palavra nessa obra que fala, acima de tudo, sobre a morte e o luto. A morte é irreversível e inevitável. Keila não pôde fazer nada para impedir a morte de seu pai, assim como, mesmo seguindo as instruções de cuidado da aroeira, não conseguiu fazer com que ela enraizasse e sobrevivesse. Ao menos, para a sorte de nós, leitores, ela conseguiu transformar toda essa dor e frustração em arte, em algo bom.

Na página 27, a autora estende a mão para seus leitores e dá uma explicação inicial para aqueles que, assim como eu, estavam um pouco perdidos. Ela escreve: “com a aroeira percorri/ de novo/ suas últimas semanas/ atravessei o rio profundo/ e congelante/ da morte” (2022). Logo em seguida, cinco páginas depois, Keila interrompe aquilo que eu chamei de primeiro momento central da obra e passa para o segundo momento. Este consiste em uma “receita para extrair a essência colorida das folhas da aroeira”, no qual a autora instrui seus leitores desde a coleta da planta até a utilização da “tinta”. Concluída a receita, Keila retorna para o primeiro momento do livro a fim de finalizá-lo também, o que faz em poucas páginas.

A partir da página 49, entramos naquele que chamei de o terceiro momento principal do livro, em que as letras iniciais maiúsculas se fazem presentes, com muito

mais texto do que imagens (ao contrário dos momentos anteriores), e no qual Keila faz um relato sobre a experimentação com a aroeira, a qual deu origem à sua obra. Desse relato, destaco o trecho que julguei o mais significativo e que ilustra a relação estabelecida pela autora entre a aroeira e seu pai:

Entendi que os fungos estavam se apossando da minha aroeira. A água estava apodrecida. Mesmo que eu trocasse a água muitas vezes os sinais eram claros. Ela estava morrendo. Talvez já estivesse morta. Fiquei apavorada, quase em choque. Mais uma vez eu tirei as estacas da água e procurei, aflita, por qualquer sinal de enraizamento em suas extremidades. Foi quando tive um *déjà vu*. Das últimas semanas do meu pai, na UTI. Lutando contra uma infecção fúngica raríssima que atacou um ossinho da base do crânio. [...]

Com os galhos de aroeira na mão eu chorei a morte do meu pai pela segunda vez (p. 50).

Espero ter conseguido, ao longo desta resenha, demonstrar a pluralidade que constitui tanto a autora Keila Knobel quanto o seu livro *aroeira*, ambos singulares a seu próprio modo, bem como instigar a leitura (e a releitura) dessa obra que me pegou de surpresa e me desafiou com seus vários momentos e camadas.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007 (1958).

BONNET, Annete; CURCIO, Gustavo Ribas; KACHAROUSKI, Maurício; KODAMA, Andrea Sene; DEBRINO, Marlon Antonio; PETRI, Andrei Luan; BRUSTOLON, Rafael Augusto; CORDEIRO, Marina Fernanda de Oliveira. **Coleção de exsiccatas** - PronaSolos Paraná. 2021. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1138017/1/Gustavo-Colecao-de-exsiccatas-PronaSolos-Parana-Secretaria-da-Agricultura-e-do-Abastecimento.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2023.

ESCAVADOR. Keila Knobel. 2022. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/1075272/keila-alessandra-baraldi-knobel>. Acesso em: 29 abr. 2023.

KNOBEL, Keila. *Catarse*. 2022. Disponível em: <https://www.catarse.me/livroaroeira>. Acesso em: 26 abr. 2023.

KNOBEL, Keila. *estalos: arte & publicações*, 2019. Sobre. Disponível em: <https://www.etalos.art.br/bio>. Acesso em: 26 abr. 2023.

Juliana de Oliveira Schaidhauer
Mestranda na UFRGS
Endereço eletrônico: ju.schaidhauer@gmail.com